

A vezeira

As culturas do trabalho *no Barroso*



FICHA TÉCNICA

Projeto de investigação para intervenção museológica *As culturas do trabalho no Barroso*

ENTIDADE RESPONSÁVEL PELO ESTUDO

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro



Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento



Coordenação geral e científica de **Xerardo Pereira**

Textos e fotografias de **Daniela Araújo**

Design de **Dina Fernandes** e **Paulo Reis Santos**

PARCEIROS DO PROJETO – CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE E ECOMUSEU DE BARROSO



FINANCIAMENTO – ON2, CCDR-N E CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE



Montalegre 2012

O Ecomuseu de Barroso

A faculdade da memória é a mais valiosa herança com que Deus dotou o ser humano. Será possível imaginarmos a viver sem ela? Como seria viver sem lembranças?

O que aconteceria?

Toda a nossa força intrínseca, toda a nossa vida consciente deixaria de existir; perdíamos parte da dimensão humana, ou seja, milhões de anos de experiência feita. Aqui se alicerça o conceito de património, na sua dimensão agregadora e de responsabilidade de preservação e valorização. Como se diz em Barroso: “O que recebemos, temos obrigação de deixar igual ou melhor...” Neste sentido, foi criado o Ecomuseu de Barroso que se caracteriza como um espaço aberto, um espaço da povoação, do ordenamento do território, da identidade da população, tendo em atenção os valores do presente, do passado e do futuro. Neste espaço, o visitante converte-se em ator-participante.

O Ecomuseu situa objetos no seu contexto, preserva conhecimentos técnicos e saberes locais, consciencializa e educa acerca dos valores do património cultural. Implica interpretar os diferentes espaços que compõem uma paisagem; permite desenvolver programas de participação popular e contribui para o desenvolvimento da comunidade.

Este projeto de desenvolvimento sustentável tem dado continuidade ao trabalho de pesquisa sistemática, tarefa que permite inventariar a globalidade de património construído do território de Montalegre e Boticas, tendo em

vista a posterior salvaguarda e valorização dos espécimes selecionados pelo seu particular interesse patrimonial e divulgados nos pólos de Salto, Pitões, Tourém, Paredes do Rio e Vilar de Perdizes.

A análise das construções associadas à conservação e à transformação dos produtos tem permitido um melhor conhecimento da arquitetura popular da região, nomeadamente dos canastros, dos moinhos, dos fornos, das fontes, dos pisões e dos lagares, entre outros edifícios de produção agrícola que contribuirão para o reencontro com a identidade cultural local. O Ecomuseu de Barroso é um espaço de memória vocacionado para o desenvolvimento, dando particular destaque ao Património Imaterial de que é prova este trabalho.

Nenhum desenvolvimento poderá ser sustentável, num concelho com mais de oitocentos quilómetros quadrados, se a população local não reconhecer as riquezas do local onde vive, e se não começar a ter dividendos da valorização desses sítios a que alguns chamam património, enquanto outros apenas aí vêem “patrimonos”. Esta nova visão terá implicação no modo de vida da população e na sua forma de encarar o futuro.

David Teixeira, Director do Ecomuseu de Barroso.

O projeto de investigação para intervenção museológica As culturas do trabalho no Barroso, foi desenvolvido pelo Ecomuseu de Barroso em colaboração com a UTAD, através do CETRAD (www.cetrad.info), o Pólo da UTAD em Chaves e a antropóloga Daniela Araújo. A investigação, que se iniciou no mês de junho de 2011 e se prolongou até ao final do mês de março de 2012, teve a orientação científica do antropólogo Xerardo Pereiro – investigador efetivo do CETRAD e docente da UTAD em Chaves.

Os objetivos da investigação centraram-se na análise das culturas do trabalho sobre o Barroso, articulando-se com as linhas de actuação do Ecomuseu de Barroso, uma instituição que tem contribuído, decisivamente, não apenas para “colocar o Barroso no mapa”, mas também para reverter, simbolicamente, a imagem e a realidade desta região “raiana” do Norte de Portugal. Mais importante, ainda, tem sido o papel do Ecomuseu de Barroso na reorganização e articulação das comunidades afirmando a sua cultura como um capital sociocultural importante e útil para viver e criar planos de vida nestas terras do interior.

Entendemos por culturas de trabalho as que se geram nos diferentes processos de trabalho, nomeadamente aquelas que resultam da ocupação de diferentes posições nas relações sociais de produção. E o trabalho de Daniela Araújo tem sido minucioso, rigoroso e extremamente reflexivo e cuidado, fruto não de recolhas, mas de uma etnografia reflexiva de um intenso conviver humano com os seus protagonistas, nos seus quotidianos vivenciais mais familiares. É na observação dos e com os outros

que Daniela Araújo tem construído teorias antropológicas vividas pelos agentes sociais do Barroso. Desta forma, a investigação e os seus resultados ajudam-nos a a construir novos olhares sobre as novas ruralidades .

Longe de ser um exercício de exotização ou primitivização, o trabalho de Daniela Araújo mostra o velho e o novo, as permanências e as transformações, as tradições e as inovações, as localidades e as globalidades, as pluriatividades e as especializações nas formas de trabalhar e produzir no Barroso. Aí reside a sua mais-valia, isto é, a rejeição de um ruralismo exotista para posicionar-se na compreensão das lógicas, conhecimentos e saberes nativos, e o seu valor universalista e global. Pensamos que, com esta investigação e as suas aplicações, o visitante e o residente poderão criar mais facilmente quadros de referência interpretativos e de tradução intercultural que nos ajudem a compreender melhor os sentidos do viver humano.

Xerardo Pereiro, Coordenação geral e científica.

A vezeira

Na vezeira de Fafião participam os herdeiros de oito casas da aldeia às quais correspondem um boi e uma vintena de vacas. Porém, na aldeia, existem muitos outros bois e vacas que não estão incluídos na vezeira, nem obedecem às suas regras. A este gado, que não anda na vezeira e que pasta noutros baldios de Fafião, chamam-lhe o *feirio*.





figura 1

Os animais da vezeira são, na sua maioria, de raça barrosã (figura 1). Longe vão os tempos em que na aldeia havia duas vezeiras: a vezeira das vacas e a vezeira dos bois, cada uma com malhadas e currais próprios. A zona da antiga vezeira dos bois passou, aliás, a ser utilizada para os animais de uma outra vezeira que existe na aldeia. Eram vezeiras separadas porque os bois capados não podiam estar perto das vacas juntamente com o boi da cobrição (figura 2):



figura 2

E depois quando uma vaca levanta o boi, mesmo que os bois sejam capados, eles têm sempre aquele instinto de ir atrás da vaca e aí o boi atacava. (Alcides, 29-7-2011)

Uma das regras mais importantes da vezeira é aquela que estabelece as datas para a subida e a descida dos animais para e da serra. O gado sobe no mês de maio e, por regra, desce no dia 29 de setembro.

No primeiro domingo de maio faz-se o *chamado*, a reunião cujo objetivo principal consiste em marcar oficialmente o dia da subida e que, por norma, é sempre num sábado:

Esta reunião já é centenária, de toda a vida. Nessa reunião é que marcam o dia da subida da vezeira. Subimos sempre num sábado. Porque as pessoas que realmente trabalham toda a semana têm o sábado livre para ir ajudar a fazer o trabalho da serra, os trilhos e as cabanas. E o domingo é para o descanso. (Alcides, 29-7-2011)

Com efeito, quando se faz a subida da vezeira para os baldios de Fafião, todos os herdeiros, também chamados sócios ou vizinhos, sobem à serra para fazer os trabalhos necessários para a conservação das estruturas de apoio da

vezeira, como a limpeza dos trilhos por onde passam os pastores e os animais, a reparação das cabanas dos pastores e a limpeza dos fornos.

Não, há contudo, um dia certo para subir. É obrigatório que esteja bom tempo, para que os trabalhos de manutenção não sejam dificultados, mas os herdeiros levam também em consideração as tarefas agrícolas que têm de ser executadas nessa altura. Se estiver mau tempo, a realização de alguns trabalhos é protelada e, conseqüentemente, a subida do gado.

A vezeira percorre os terrenos baldios da aldeia de Fafião situados no Parque Nacional da Peneda Gerês. Para lá chegar, parte do caminho pode ser feita em veículo, mas apenas aqueles que estão equipados com tração às quatro rodas conseguem aceder às duas malhadas situadas mais próximas da aldeia: Salgueiro e Pinhão. Depois, o restante percurso tem de ser feito a pé (figuras 3 e 4). Até à última malhada, Rocalva (figuras 5 e 6), são cerca de três horas de percurso pedestre.



figuras 3 e 4



figuras 5 e 6

Alcides leva o jipe até Pinhõ porque *gosta de poupar o corpo*. Aqueles que não têm jipe deslocam-se de trator, como Manuel, ou mesmo a pé.



figuras 7 e 8

Existem áreas, designadas por malhadas, onde o gado pasta um determinado número de dias (figuras 7 e 8) antes de se mudar para a malhada seguinte: Salgueiro, Pinhõ, Pousada, Bicos Altos, Amarela, Lagarenho, Prado Lã, Videirinho, Rocalva e Iteiro d'Ovos:

Vão mudando à medida que o pasto se vai fazendo pouco. Quando vemos que naquela malhada o comer, a erva, está-se a fazer pouca é que avança para a outra e depois assim sucessivamente até chegar lá acima. (Alcides, 29-7-2011)

O nome das malhadas reflete o conhecimento dos homens sobre o meio que os rodeia:

Se calhar tem um significado...não sei bem porquê. Quando chega o mês de maio, tem muitas ervas tipo o algodão bravo e ao ver o prado de baixo, fica tudo branquinho, parece lã de ovelha. A gente pensa que foi por isso...não temos outra explicação que não seja essa para o nome da malhada de Prado Lã. (Alcides, 29-7-2011)

Nas malhadas, o gado alimenta-se daquilo que a terra dá. Na aldeia, a alimentação faz-se nos lameiros e nas cortes:

De maio a setembro comem a erva da serra. De setembro a maio comem nos pastos dos lameiros e o milho e o feno que se colhe agora durante a época de verão. Moemos milho, mas menos, só ralado. A funcionar, moinhos já não há nenhum, agora só elétricos. (Alcides, 29-9-2011)

Cada malhada tem currais que correspondem à cabana do pastor e ao forno junto dos quais o gado costuma pernoitar. Chegado o final do dia, os pastores tentam juntar o gado perto do curral e os animais por ali ficam. Alguns dos currais estão vedados com pedras para impedir que o gado entre na zona onde o pastor pernoita e prepara a comida (figuras 5 e 9).



figura 9

Apesar das regras da vezeira serem tomadas por maioria, os herdeiros esforçam-se para que as decisões que sustentam essas regras sejam consensuais. É no livro das atas que ficam registadas as regras que os herdeiros vão estabelecendo. As regras são definidas em maio e ficam em vigor até ao mesmo mês do ano seguinte. É também na *reunião do chamado* que se procede à alteração das regras quando tal é determinado pelos herdeiros. Cabe ao *elemento do acordo*, o herdeiro escolhido pelos restantes na *reunião do chamado*, anotar todas essas regras. As suas funções incluem, também, a convocação para a reunião do primeiro domingo de maio e demais reuniões que seja necessário realizar, a decisão de mover os animais de malhada para malhada, a decisão de mandar descer o gado da serra, ouvir eventuais queixas e estabelecer e registar as multas para quem não cumpre as regras da vezeira. O *elemento*

do acordo pode recusar o cargo alegando que não tem interesse ou que nos anos precedentes as suas decisões não foram respeitadas.

O Sr. Domingos, o atual *elemento do acordo*, tem de gerir os conflitos que possam surgir entre os herdeiros, cabendo-lhe, também, a cobrança das multas resultantes das infrações cometidas.

Uma das regras estruturais da vezeira tem a ver com o número de dias que cabe a cada herdeiro guardar o gado na serra. Esse número é estabelecido em função do número de animais de que se é proprietário. Deste modo, num ciclo, quem tem duas vacas tem de ir guardar o gado um dia. Porém, quem tem apenas uma vaca, está também obrigado a ir guardar os animais um dia, pois tem de manter o seu quinhão. Os que têm quatro vacas têm de ir à serra dois dias. Aqueles que têm três vacas, num ciclo, guardam dois dias e, no ciclo seguinte, guardam apenas um dia. É o chamado *pernã* que significa que, num ciclo, se guardam os animais um número par de dias e, no outro ciclo, se sobe à serra um número ímpar de vezes.

O atual número dos animais que compõem a vezeira, implica que os herdeiros venham à serra

de dez em dez dias. Mas, quando o número de animais era muito mais elevado, as subidas ao monte eram menos frequentes:

Quando eu era rapaz só vinha três vezes em toda a época. Eram 80 vacas, 90, por aí acima. Ter o gado todo o ano guardado só com três dias de serra... é pouco trabalho. As vacas à roda dava cerca de 40 dias, só de 40 em 40 dias é que a pessoa vinha cá acima. Se guardássemos, por hipótese, a 20 de maio, passava o mês de junho e só vínhamos guardar em princípios de julho. Por norma eram três rodas que se faziam, mais ou menos de 15 de maio a 29 de setembro (Alcides, 2-II-2011).

Esta regra que determina o número de vezes que se vai à serra em função dos animais que se possui na vezeira, também é válida para a alimentação do boi da vezeira no período em que este está na corte. Com efeito, o boi da vezeira tem uma corte fixa, mas a sua alimentação é garantida, alternadamente, pelos diversos herdeiros. Num ciclo, quem tem duas vacas alimenta o boi um dia; quem tem quatro vacas alimenta-o dois dias e quem tem três vacas alimenta-o dois dias e, no ciclo seguinte, um dia. No final de cada dia, o herdeiro responsável pela alimentação do animal nesse dia, entrega a chave ao vizinho seguinte que o alimentará

um número de dias proporcional às vacas que possui:

O boi é mantido por todos, agora vai para baixo e come todo o inverno, são os proprietários que o alimentam, é rotativo. Tem de ser bem alimentado para poder crescer. (Manuel, 29-9-2011)

Até 2010, as regras da vezeira obrigavam a que, de maio a setembro, os herdeiros dormissem na serra, o que significava que o gado era guardado de noite e de dia. Havia sempre um pastor junto dos animais:

Os pastores rendem uns aos outros. O que ia render, ia hoje à noite render o que lá estava e este vinha-se embora na manhã seguinte. E ficava lá o que ia hoje para guardar amanhã. (Alcides, 29-7-2011)

Em 2011 essa regra foi alterada e deixou de ser necessário aguardar a chegada de um outro herdeiro para poder descer à aldeia, passando o gado apenas a ser guardado durante o dia:

Antes, tinha que se esperar cá que os outros chegassem às 7 horas, 7.30 horas. Agora cada um sai à hora que quer, porque depois do gado estar no curral, já não sai dali. Podemos sair à hora

que quisermos, às 4 horas, às 5 horas, às 6 horas da tarde. Vem-se de manhã e já não se fica de noite. Costumamos sair às 5 horas da manhã, pela fresca e está-se lá por volta das 7.30 horas, 8 horas. (Alcides, 8-8-2011)

Esta alteração implicou, também, mudanças na alimentação dos pastores envolvidos na vezeira. Enquanto se manteve a regra do gado ser guardado de dia e de noite, o herdeiro que estava na serra tinha de preparar a refeição para o herdeiro que o vinha substituir, e este era obrigado a levar vinho para o que estava na serra. Quem cozinhava era o herdeiro que já estava na serra, pois aquele que subia já chegava cansado e bastante tarde. E o herdeiro que subia levava o vinho para a bebida chegar fresca. Neste registo, havia uma comida considerada como a mais adequada. A massa:

Um comer que se utilizava muito todos os dias à noite era massa. Quando se ia lá dormir, o vezeiro que lá estava deixava sempre, sempre, sempre, massa. E então diziam que tinha que ser massa, porque a massa é um comer que espera. Pode ser comida a qualquer hora. O vezeiro pode-se atrasar uma hora que a massa não se estraga tão fácil depois de cozinhar. Massa com chouriço, massa com bacalhau ou massa com carne. Por-

que a pessoa que sobe já não tem tempo de cozinhar, porque chega lá à noite e já vem cansada e todos respeitam isto. E quem sobe leva o vinho. Antigamente dormiam lá os dois, não deixavam vir ninguém embora. O que já lá estava também tinha de ficar lá, vinha no dia seguinte, de manhã, e então o que subia levava o vinho para os dois e o que lá estava fazia a massa para os dois. O vinho que tinha ido já tinha terminado ou aquecia. (Alcides, 29-7-2011)

Uma outra regra que deixou de ser seguida era aquela que obrigava à ida, simultânea, de duas pessoas para a serra: um homem com mais de 18 anos e um rapaz com, pelo menos, 12 anos. Essa regra resultava da não permissão para abandonar a vezeira para vir à aldeia pedir ajuda no caso de algum acidente com um dos animais. Deste modo, o rapaz, o *rapaz dos recados*, tinha o papel de mensageiro e o homem ficava, em permanência, junto dos animais. Com a generalização do uso dos telemóveis, esta regra tornou-se obsoleta e, há quatro anos, deixou de haver a obrigatoriedade de irem duas pessoas para a serra. Por outro lado, com o despovoamento da aldeia, com os casais a terem menos filhos e com o menor número de crianças disponíveis para assumirem o papel de *rapaz dos recados*, a regra passou a ser difícil de cumprir.

No entanto, os rapazes começavam a ir para a serra muito antes de cumprirem doze anos, não com o estatuto de *rapaz dos recados*, mas sim para acompanhar pais, irmãos mais velhos ou outros familiares. As subidas à serra, para uma criança, eram encaradas como tempos de exceção, de brincadeira e de alguma transgressão em relação à vida na aldeia. Alcides começou a ir com seis anos e os seus dois filhos começaram, também, a ir muito pequenos para a serra:

Antes os filhos andavam à guerra para ver qual ia com o pai. Fui muitas vezes. Eu comecei a ir com seis anos. Mas com seis anos não ia de rapaz, nem ia de homem. Ia mesmo só para fazer companhia ao meu pai e irmão mais velho que já tinha 12 anos, mas eu ia com eles. (Alcides, 29-7-2011)

Claro que a primeira vez achamos que é festa e depois torna-se uma obrigação. Chega aquele dia, não há desculpa, temos que ir. (Lino, 29-7-2011)

É possível, contudo, que um herdeiro troque a sua vez com outro. Mais, também é permitido pagar a outro herdeiro para o substituir se num determinado dia não puder ir guardar o gado e não encontrar substituto. Porém, devido à falta de gente na aldeia, é cada vez mais difícil haver pessoas disponíveis para fazerem este

trabalho. Atualmente, o vezeiro mais velho tem para mais de 80 anos e o mais novo cerca de 40:

Tive sempre uma vezeira mas quando eu não podia, pagava. Pagava ao dia para guardarem os animais. Hoje troca-se, hoje é mais troca porque hoje não há quem queira vir para guardar o gado. Os novos não querem nada... (Manuel, 29-9-2011)

Durante muito tempo também vigorou a regra de só poderem ir homens para a serra guardar o gado. Mas como em algumas casas não havia homens, os herdeiros tomaram a decisão de autorizar a ida das mulheres. No entanto, quando uma mulher ia para a serra, só podia ir acompanhada de outra mulher. Manuel recorda que foi com a mãe que a vezeira de Fafião passou a incluir mulheres:

A minha falecida mãe chegou-me a dizer que já guardou aqui 120 vacas. Os irmãos foram para o Brasil e depois ela, ainda solteira, ficou sozinha com a mãe. E depois trazia outra colega com ela. Antigamente eram homens, mas depois houve um acordo porque a minha mãe não tinha homens em casa e então concordaram em vir ela e uma mulher com ela guardar. Eram sempre dois. Se houvesse um desastre qualquer com o

animal, uma ficava e outra vinha dar notícias na aldeia. Eram 120 vacas... olhe, 17 vacas que agora há. Eram 120 vacas... era uma vezeira, cuidado! (Manuel, 29-9-2011)

As infrações às regras da vezeira obrigam ao pagamento de multas cujo valor é sempre estipulado na reunião do *chamado*. Quando se aumenta o valor das multas, tem de existir unanimidade entre os herdeiros. As infrações mais comuns estão, normalmente, relacionadas com o abandono do gado por um herdeiro no dia que lhe cabia ir à serra. Mas há outras infrações que também obrigam a uma penalização:

Chegou a acontecer, uma pessoa esquecer-se de deitar comer ao boi, pronto, teve de pagar a multa. São penalizações para funcionar bem. (Alcides, 29-9-2011)

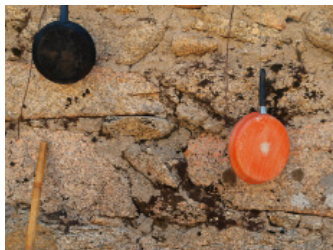
Contudo, as multas não são cobradas no ano em que as infrações são cometidas. No livro das atas da vezeira anotam-se os nomes dos infratores, as infrações cometidas e o respetivo valor das multas e, na *reunião do chamado* do ano seguinte, são cobradas essas multas.

Os vezeiros estavam e estão ainda obrigados a muitas outras regras ou a seguir determinadas práticas. Quando ainda se guardava o gado dia e noite, o pastor tinha que entregar todos os animais ao herdeiro que o vinha render. Se algum animal se tivesse tresmalhado, ele deveria permanecer na serra até ao meio dia do dia seguinte, mesmo após a chegada do outro herdeiro, para ajudar a encontrar o animal. Se tal não fosse possível, então, comunicava a falta ao respetivo dono e era este que, a partir desse momento, teria de ir à serra procurá-lo.

Outra das regras da vezeira tem a ver com o suporte da despesa da perda de um animal, despesa essa que é diluída por todos os herdeiros. Isso sucede quando algum animal é morto pelos lobos ou, caindo e partindo uma perna, tem de ser abatido. Neste último caso, vende-se a carne do animal, e se a venda não cobrir o valor do animal, os herdeiros disponibilizam o restante dinheiro em benefício do proprietário. Os herdeiros alegam que esta prática está também relacionada com o isolamento a que a aldeia esteve sujeita durante muito tempo e à ausência de apoios do Estado que pudessem ajudar as pessoas a resolver os seus problemas:

Antes não havia Estado. Se você tinha um prejuízo com o animal, era dividido por todos.

Imagine que uma vaca não era morta pelo lobo, mas caía e partia uma perna. A vaca nunca mais ficava em condições, então matavam a vaca e dividiam por todos. Se não chegasse o dinheiro do valor da vaca, depois chegavam a um consenso de quanto valeria a vaca. Imagine que na altura eram 100 contos; os herdeiros tinham de dar o resto. E a compra do boi, o boi do povo da vezeira. Também é preciso comprar e o dinheiro tem que ser dividido por todos. As despesas todas. (Lino, 29-7-2011)



figuras 10, 11 e 12

Também a chamada *tralha da vezeira*, ou seja, o conjunto dos objetos necessários à vida dos pastores na serra, tem uma gestão comum. Quando a vezeira sobe, em maio, os herdeiros ajudam a transportar a *tralha* para a serra. Quando desce a vezeira, o pastor que nesse dia desce com o gado, transporta consigo a *tralha*, limpa-a e guarda-a até ao próximo ano, altura em que a entrega ao herdeiro que será o primeiro a subir (figuras 10, 11 e 12):

A *tralha da vezeira* tem um pote, tem uma grelha para assar as costeletas, tem o cesto para a loiça, o cântaro, as frigideiras, tem um alguidar, tem quatro ou cinco pratos, quatro ou cinco tigelas, que as pessoas cozinham lá, tem uma enxada, tem uma foicinha para arranjar a cama para

cortar a erva, para arranjar a cama do pastor, porque alguns dormem lá, os que têm dois dias, para não virem, ficam lá. Tem um saco cama e a gente usa um bocadinho de erva por baixo. E, depois, aquele que descer lava-o e quando vem para cima, vem lavadinho. Está pronto para ser usado. E a loiça que se usa tem de se deixar lavadinha. (Alcides, 29-7-2011 e 8-8-2011)

Da *tralha da vezeira* também fazia parte, no passado, a lata das guias. Na lata das guias guardavam-se as guias que permitiam identificar os animais e os respetivos proprietários. Era obrigatório que a vezeira se fizesse acompanhar desta lata pois, devido ao contrabando, a guarda-fiscal verificava, com frequência, a identidade e a propriedade dos animais. Enquanto os animais estivessem na serra, a lata das guias permanecia com eles. Com o 25 de abril deixou de ser obrigatório acompanhar o gado com a lata das guias:

Quando ia guardar os bois com o meu falecido pai, entretinha-me a ver e a ler aquelas guias. Aquilo era passado pela guarda fiscal. Tinha o nome do proprietário e quantos animais tinha. Cada proprietário tinha uma guia. Éramos obrigados a ter aquelas guias, junto com a vezeira, com o gado. Agora já terminou. (Manuel, 29-9-2011)

Uma outra prática da vezeira tem a ver com o chamamento que se faz entre os herdeiros quando estes se encontram na serra. Está estabelecido que se deve anunciar a presença aos outros. É uma cortesia de quem chega e uma segurança para quem já lá está:

Oh-oh são palavras da serra. Como se fosse um anúncio. Bom, já estão aqui duas pessoas a conviver, as pessoas a aproximarem-se uma da outra. Já não estou sozinho na serra, já há mais gente à nossa beira. (Manuel, 29-9-2011)

A manutenção das diversas estruturas da vezeira também é da responsabilidade de todos os herdeiros. As cabanas dos pastores e os fornos são periodicamente sujeitos a medidas de restauro e de melhoria. Nos telhados de algumas cabanas substituíram-se os velhos torrões de terra por chapas ou cimento. O desgaste provocado pelas intempéries e pelas cabras que trepam para cima deles obrigaram a essa intervenção. Também os muros que rodeiam o curral têm de ser intervencionados ciclicamente:

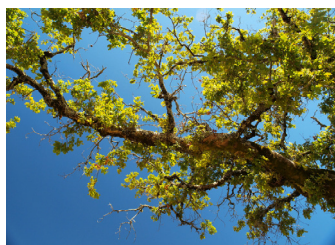
Isto é um muro para resguardar. Não tem em todas as cabanas. Tem em poucas, tem na Amarela e em Videirinho. É para resguardar porque

as vacas habituam-se a comer as sobras do comer (figuras 13 e 14) e andam sempre aqui a chatear o pessoal de volta e fizemos estes muros porque as pessoas estão a comer, estão sossegadas. É como os cães, andam sempre à espera do resto que caia. (Alcides, 8-8-2011)



figuras 13 e 14

Os herdeiros também se responsabilizam pela plantação de árvores na área dos currais. As árvores, carvalhos, destinam-se a proporcionar sombra quer aos pastores, quer aos animais (figuras 15 e 16).



figuras 15 e 16

Antigamente, a plantação era organizada pelo Conselho Diretivo dos Baldios de Fafião. Atualmente, essa tarefa é feita em colaboração com a Associação de Desenvolvimento de Fafião, o que se deve ao menor número de herdeiros, insuficientes para tratar sozinhos desta tarefa, e à idade avançada de muitos deles.

Também o encanamento da água, junto às cabanas dos pastores, tem vindo a ser desenvolvida pelos herdeiros (figuras 17 e 18). Há uma dezena de anos, iniciou-se esta tarefa em vários currais.



Procura-se, deste modo, garantir um abastecimento de água mais limpa para os vezeiros poderem beber e cozinhar quando estão na serra:

E hoje até trouxe uma ponta de tubo para encastrar água limpa para os pastores. Porque os animais bebem num sítio qualquer. Aqui em Rocalva, esta água vem dacolá de cima de ao pé da fraga. Tinha assim um bocado de humidade, escavámos no terreno, é tipo uma mina, mas coisa pouca, é pouquinha mas para beber e cozinhar chega. A gente põe o cântaro. A água vai enchendo e daqui a bocado vai ver já aqui a botar. Ainda vai dar para lavar as mãos aqui. Olhe já está a água a cair! (Alcides, 8-8-2011)



Na preparação das refeições poucos pastores usam enlatados. Preferem utilizar ingredientes frescos e cozinhar na serra (figuras 19, 20, 21 e 22). O que se leva para a serra depende do número de herdeiros e acompanhantes que sobem nesse dia. Ingredientes pesados são evitados quando há muita gente a comer. Também a carne, escassa no passado, passou a ser central nas refeições. Há, contudo, um ingrediente que, por norma, não é preciso levar para a serra: o sal. De facto, quase sempre há sal nas cabanas dos pastores. Assim como fósforos e

figuras 19, 20, 21 e 22

lenha. Quem gasta uma determinada quantia de lenha deve, aliás, repô-la:

Aprendi a cozinhar com o meu pai. Aqui em cima na serra e lá em baixo. Quando somos poucos, costumo trazer um pernil, couves, batatas e feijões. Tudo cru, é tudo cozinhado aqui. Quando somos muitos, trago uma coisa mais leve. Trago rojões, massa, um bocadinho de repolho, um bocado de carne para assar, uma coisa mais leve, porque as batatas é uma coisa muito pesada. Trazer batatas para cinco ou seis pessoas cá para cima é pesado. Ora quando somos poucos, três ou quatro, toda a gente carrega, dividimos o carregamento e faz-se aqui um cozido à minhota. Não é um cozido à transmontana. A diferença é que um cozido à transmontana leva todo o tipo de carnes. Antigamente esse cozido só levava couve, batatas, feijões e carne, carne de porco, mais nada. Aqui em cima é só mesmo o essencial. É só o pernil de porco, uma chouriça ou duas que as trazemos sempre. Agora, que as há, porque antigamente não havia, antigamente era mesmo a poupar. Antigamente não havia tantas possibilidades, faziam um comer mais pobrezinho. Nós agora fazemos um comer mais rico. O meu pai trazia couves e batatas

e feijões, mas carne de vaca, nada. Era muito raro, quase não havia. Era só quase carne de porco. As vacas eram para vender. Nunca se matava para comer. Isso matar para comer foi agora. Há quinze anos é que se começou a criar para comer. Agora é quase tudo para consumo, pouco se vende. Só matavam as que partiam uma perna e nessa altura tinha de se consumir. Isto é carne de vitela. Só vou meter um bocadinho nos feijões para dar paladar à massa, para a massa não ficar assim muito desenxabida porque o resto é para assar na brasa. (Alcides, 8-8-2011)

Quando os dias começavam a ficar mais curtos, e quando ainda se pernoitava na serra, deixava de se tomar a merenda da tarde e apenas se jantava. O sinal que os dias estavam a encurtar era dado pelas flores a que os pastores chamam as escusa-merendas (figura 23):

Os antigos queriam dizer que quando as flores, as escusa-merendas, nascessem os dias estavam a ser pequenos e não era necessário merenda. Porque antigamente saía-se para o monte, comia-se o que nós agora chamamos o almoço, eles chamavam o jantar, e à noite é ceia. Então jantavam logo de manhã e traziam a saca com a merenda para o monte e quando

começavam a nascer estas flores, diziam que os dias eram pequenos, não era necessário merenda e então só jantavam e não merendavam. (Alcides, 8-8-2011)

Como os baldios da vezeira de Fafião fazem fronteira com os baldios de outras aldeias do concelho de Terras de Bouro, aldeias que também têm vezeira, por vezes, os animais tresmalham-se e juntam-se a uma vezeira que não é a deles. Para evitar que os animais andem com a vezeira errada, pintam-se os cornos do gado de cores distintas consoante a aldeia a que pertencem:

Antigamente tínhamos uma sociedade com o pessoal da Ermida, de Vilar da Veiga, do concelho de Terras de Bouro mas depois, à conta dos litígios do monte, queriam-nos apanhar este monte. Este monte pela carta geográfica está para pertencer ao concelho de Terras de Bouro, mas ele é nosso, pertence a Montalegre. As de Vilar de Veiga são os dois cornos vermelhos e as de Rio Caldo é que são os dois cornos azul. E as nossas é só o corno direito pintado de vermelho (figura 24). (Domingos, 2-II-2011)









figura 24

Na serra, homens e animais enfrentam diversos perigos. Temem-se, sobretudo, as víboras, ainda que o número destas tenha vindo a diminuir. Não há memória de ataques mortais aos herdeiros. As botas de cano alto, o cuidado redobrado em alguns locais, o uso do lume e do pau são estratégias que se usam para evitar os ataques destes animais:

Mas agora há muito poucas. São riscadas, brancas e pretas, parece uma silva pelo lombo adiante. A cabeça é espalmada e tem o bico para cima, tem os olhos grandes e o nariz arrebitado. São pequenas. As cobras são muito maiores, mas essas não fazem mal nenhum, pelo contrário, fogem. Mas a víbora não foge, o problema é que a víbora não foge. A víbora fica ali assim quietinha, está sempre a ver quando é que pode atacar. É o maior perigo de todos, sempre o meu falecido pai me dizia, tende cuidado com as víboras, tende cuidado com as víboras e toda a gente tem medo às víboras e eu também digo aos meus rapazes quando vão comigo, mando-lhes sempre levar umas botas de cano alto. Eu digo sempre: *Trazei umas botas de cano alto por causa das víboras, mordem no couro e não tem problemas e se mordem na perna têm logo de ir para o hospital.* O maior perigo é de manhã cedo porque, depois, na hora do calor, elas metem-se debaixo das pedras, metem-se para

sítios mais frescos e ao pé dos nascentes de água. Acendendo o lume, o cheiro do lume afasta, mas isso é tudo: é víboras, é cobras, é ratos, é tudo, o fumo afasta toda a bicharada ali envolvente. Assim à noite, ao deitar, quase sempre acendem um bocado de lume. E para a serra tem que se levar sempre um pau. O pau é a defesa do pastor. É o maior medo que as pessoas têm na serra. Não tenho medo a nada, só às víboras. (Alcides, 27-9-2011)

O temor à víbora também se manifesta no que pode fazer ao gado e aos cães. Diz-se, até, que a víbora tem de morder todos os dias e que a primeira coisa que morder não tem salvação:

Às vezes já tem mordido vacas e depois forma um inchaço muito grande e depois com os medicamentos, lancetam aquilo e não morre porque uma vaca também é um animal muito forte, muito grande. (Alcides, 27-9-2011)

Outro perigo é o dos lobos cujos ataques ainda sucedem. Não apenas aos animais que andam na vezeira, mas também aos do *feirio*. O mais comum é que os lobos ataquem os vitelos. Esta situação é mais frequente quando está mau tempo na serra e os animais se perdem uns dos outros por causa do nevoeiro. Um animal

isolado torna-se mais vulnerável aos ataques dos predadores.

A 29 de setembro, a vezeira escangalha-se oficialmente, mas não é obrigatório que os animais permaneçam na serra até esse dia. Assim como não existe nenhum impedimento à permanência do gado para além dessa data. Com efeito, pode ser necessário fazer descer alguns animais antes do dia 29: uma vaca para parir ou alguns bezerros. E, se o tempo piorar, os herdeiros podem decidir ir buscar o gado antes da data estabelecida:

Que me lembre, houve um ano ou dois que havia muito inverno e os herdeiros reuniram-se e desceram mais cedo. Mas reuniram os herdeiros todos para ver se estavam de acordo em alterar essa data. (Alcides, 29-7-2011)

Contudo, os proprietários dos animais que descem antes do dia 29 de setembro continuam a estar obrigados a ir guardar o restante gado em função do número de cabeças que possuem. Caso contrário, sujeitam-se a serem multados.

No início do mês de setembro, o gado inicia o trajeto descendente pelas diversas malhadas, de modo que quando chega o dia 29 já se encontra numa das malhadas mais perto da aldeia:

Onde subiu, acaba. Onde iniciou, acaba (Alcides, 29-7-2011).

Em 2011 decidiu-se fazer descer, no dia 29, uma vaca com o respetivo bezerro e o boi da vezeira (figura 25):

Podia até ficar com as vacas, mas o animal é novinho, é um bocado infantil, tem uns dois anos e necessita de ser bem alimentado porque o bichinho foi a primeira vez que veio para cima, foi o primeiro ano e medrou pouco e é preciso tratar dele por isso é que vai para baixo (Manuel, 29-9-2011).

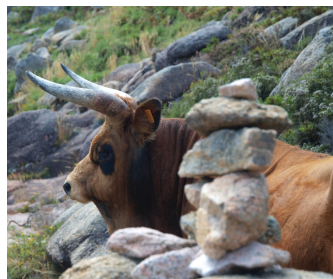


figura 25

O dia 29 de setembro é também o dia em que a vezeira das cabras de Fafião desce até à aldeia. São mais de quinhentos animais que, no seu percurso descendente, se cruzam com o gado vacum (figuras 26, 27, 28 e 29).

Se, a 29 de setembro, ainda estiver bom tempo e as previsões se mantiverem nesse sentido, o gado permanecerá na serra mais algum tempo.

Dizem os herdeiros que com bom tempo o gado puxa para cima. Se estiver tempo ruim, os animais encaminham-se naturalmente para descer até à aldeia.





A partir do dia 29 deixa de ser obrigatório ir à serra todos os dias ver os animais. Porém, quando os herdeiros sobem para ir ver o gado, vão sempre duas pessoas e, normalmente, fazem-no uma vez por semana. Os proprietários cujos animais desceram no dia 29 deixam, contudo, de estar obrigados a vigiar o gado dos restantes herdeiros. O tempo a mais que a vezeira irá permanecer na serra irá depender das condições climáticas, mas habitualmente, nunca fica para além do final do mês de outubro:

Depende do tempo. Se estiver bom tempo, têm alimento. Mas a gente também tem pena dos animais se for muito inverno, então descem. Já as viemos aqui buscar acima, um inverno terrível. Nunca me esqueço de um vizinho meu, chegou lá cima aos animais e viu-os todos juntos, lá em cima, um neveiro. Então quando as avistou diz ele: *Ó minhas bichas, vós já pensáveis que o vosso dono tinha morrido?* Foi quase no fim de outubro, isto. Quando ficaram era bom tempo, mas depois deu-se a piorar no fim do mês e viemos buscar. O máximo que pode andar aqui na serra é até ao fim de outubro, depois não, depois vem a neve. Às vezes a neve vem antes de novembro. Nós temos um ditado velho que diz que não podemos esquecer: *Dos Santos ao natal ou vem chuva ou vem nevar.* (Manuel, 29-9-2011)

No ano de 2011, os herdeiros optaram por deixar o gado permanecer na serra até ao dia 2 de novembro. Houve apenas um ano em que os animais desceram ainda mais tarde:

Já foi há muitos anos, eu tinha para aí 15 ou 16 anos. Também o tempo ia bom e íamos ali em baixo em Pinhão. Tinha e tem muito arvoredo e baixámos a vezeira para lá e deixámo-la lá estar até tarde, para aí até 15 de novembro. Este ano é dos anos que desce mais tarde, foi um outubro maravilhoso. E aqui em cima há muito de comer. Está cheio de ervas. Aguentava uma manada muito grande. (Alcides, 2-II-2011)

A descida num dia de mau tempo pode ser uma árdua tarefa para os herdeiros (figuras 30 e 31).

Primeiro, há que encontrar o gado e, quando está nevoeiro e chuva, é mais difícil avistá-los: os animais perdem-se uns dos outros e nem sempre estão reunidos na mesma malhada. Por outro lado, o caminho torna-se mais traiçoeiro e a possibilidade dos animais escorregarem nas pedras e partirem uma pata é maior. Finalmente, se um dos cursos de água que os animais têm de atravessar para chegar à aldeia estiver muito cheio, há o risco do gado se afo-









figura 31

gar. Domingos recorda um desses momentos aflitivos:

Fizeram a ponte mas, no primeiro inverno, não tinha a cancela. Um dia de inverno. Eu estava em casa e com o meu gado daquele lado. Vim por aí abaixo a correr, quando cheguei lá acima, já o rio passava aqui por cima, quando vi as vacas a virem por adiante, deitei-me por aqui abaixo a correr. A água dava-me pelo meio das botas, com o guarda chuva aberto, *afasta vaca, afasta vaca!* Aquela branca sentia que a mãe tinha passado, queria-se meter, mas a água dava-lhe no peito, entrou naquela vaga. Eu comecei a ralhar-lhe de cá, a abrir-lhe o guarda-chuva, *afasta vaca, afasta vaca, para trás*, quando comecei a ralhar pararam todas daquele lado a remoer. Entretanto a minha mulher e a deste senhor que vai aqui à frente, vieram-nas trazer lá baixo à ponte. Quando aqui cheguei estava acolá a boiar. Não morreu. A água passava por cima da ponte e ela pensou que era tudo plano, caiu e foi por baixo, bateu com o quadril, da parte da coroa, do rabo, feriu-se e ainda tem a mazela. E eu tirei-a para fora com uma bracita dos fardos, atei aos cornos, puxei-a para fora, ela tremia como uma vara. Depois faltava uma minha. Mas estava mais atrasada. Mais tarde pusemos a cancela para o gado. Foi uma aflição para mim! (Domingos, 2-II-2011)

À medida que o gado vai descendo, é preciso alagar algumas paredes, retirando as pedras que evitam que o gado se movimente. Também por esta razão, no dia da descida, não vai apenas um herdeiro à serra. Pelo menos três vizinhos são necessários para conduzir o gado em segurança até à aldeia (figura 32) .

Ao chegar à aldeia, os outros herdeiros aguardam a chegada dos seus animais, separam-nos e dirigem-nos para as respetivas cortes (figura 33). É uma hora de azáfama na aldeia em que se confirma o estado dos animais e se disponibiliza, de imediato, alimento para os mesmos. A descida é dura e demorada e os animais vêm cansados.



figura 32

O gado só voltará a subir à serra no ano seguinte. No mês de maio, o primeiro herdeiro a subir segue-se ao último herdeiro que subiu no ano anterior:

Isso está estabelecido de muitos anos. É sempre assim. Se a vezeira ficou à minha porta, quando voltar a subir, passa para a porta do vizinho seguinte. Já o meu falecido pai falava disso e sempre se lembrou assim. (Alcides, 29-7-2011)



figura 33

Quando voltarem a levar gado para as malhas, os vezeiros cruzar-se-ão com os muitos turistas que percorrem a Serra do Gerês. As mariolas (figura 34), as pedras empilhadas que marcam os trilhos nos baldios da vezeira, ajudarão os caminheiros que, por vezes, partilham com os vezeiros as refeições e dormem nas cabanas dos pastores:



figura 34

Vem muita gente para aqui dormir, turistas, só que trazem saco-cama. Eles não estragam nada. Chega aí muita gente, botam-se lá para dentro e adormecem. O ano passado estava aqui com o meu filho e chegou aqui um casal. Nós tínhamos acabado de comer a massa. Só que já não tínhamos chouriça e eles pediram para cozinhar ali. Mas aceitaram a massa. Ao fim dormiram com nós. Nunca tivemos problemas, é tudo gente que não vem para aqui com maus instintos e se vierem também somos homens. Eu gosto de encontrar pessoas, que façam camaradagem, que alcem com a gente, o comer chega sempre. (Alcides, 8-8-2011)

Na serra, os homens da aldeia e os turistas desfrutam da comunhão com a natureza:

É um sentimento de liberdade. Lá em cima é paz e sossego e a imensidão. (Lino, 29-7-2011)

É, também, esse sentimento de liberdade, paz e sossego que têm os pastores de Gralhas que andam pelos montes em redor da aldeia com a vezeira de ovelhas e de cabras (figuras 35 e 36).

Ai, eu adoro! Adoro vir para o monte, porque parece que anda a gente mais aliviada. A gente está sempre em casa, pensa nisto, pensa naquilo, penso em tudo...e assim a gente vem para o monte, embora pense em tudo, mas desaparece o pensamento para outro lado. E, depois, tenho o costume de estar em pé de olhar por aqui, assim lá para longe, sempre, sempre, nunca tenho o costume de me deitar, de me sentar, nem nada, até às vezes no sítio que estou a comer, tenho o costume de me pôr em pé (figura 37).
(Ana Rabuda, I-8-2011)



figura 35



figura 36

No passado, a designação de vezeira era apenas atribuída às cabras (figura 38) Para o gado ovino (figura 39) usava-se um outro termo:

Gadinho é as ovelhas. (Fátima, 13-7-2011)

Era um tempo em que abundavam os rebanhos de ovelhas e de cabras na aldeia. Duran-



te seis meses, a partir da Páscoa, andavam os

figura 37



animais à vezeira. Eram tantas as ovelhas que tinham de se fazer duas vezeiras. As cabras, essas, tinham uma vezeira à parte e eram levadas para um pasto mais distante, para a serra do Larouco. No tempo mais frio, por outros seis meses, cada um guardava o seu rebanho ou, quem não tinha possibilidade de levar os seus animais para o monte, contra-



figuras 38 e 39

tava quem o fizesse. Muitas vezes, eram os mais novos, crianças e jovens, que se encarregavam destas tarefas. A expressão *andar ao fato* significava guardar o rebanho, pois o termo *fato* é sinónimo de rebanho:

Que eu também andei muito tempo no rebanho. No verão andavam à vezeira, mas de inverno andavam aos fatos. Eu guardava de sete, oito ou nove pessoas do povo. Pagavam-me. (Fátima, 13-7-2011)

Eu ainda cheguei a guardar 60 cabeças e ainda me pagavam 7,50 escudos por cada cabeça. Agora já ninguém anda ao fato. O fato era quando a gente andava a diário. Quando a gente andava diário de inverno é que era o fato. Davam a merenda no natal que era folha de bacalhau e centeio e no carnaval davam carne. Agora é a vezeira. Todos, todos, todos os dias, de verão e de inverno, domingos e dias santos e dias feriados, todos os dias. Todos, todos os dias. (Ana Rabuda, 1-8-2011).

A atribuição de responsabilidades na vezeira iniciava-se numa idade muito precoce, com as crianças a serem enviadas para as serras em redor da aldeia. D. Ana Rabuda começou aos 11 anos a guardar os cordeiros do rebanho da família:

A gente tinha muita fazenda, muitos rebanhos. Sempre tivemos rebanhos. Em vez de botarmos os cordeirinhos com a vezeira para o monte, a gente ia com eles à parte. (Ana Rabuda, 1-8-2011)

Atualmente, a vezeira percorre, nas imediações da aldeia, um território composto por baldios e por lameiros (figuras 40, 41, 42 e 43).

A escolha do percurso é inteiramente decidida pelo vezeiro que, na sua vez, leva os animais a pastar. Aos baldios todos podem aceder sem reservas. Já os lameiros que são utilizados terão de ser pertença do vezeiro ou arrendados por este. Também há quem ceda terrenos aos vezeiros a troco de nada. Mudando o vezeiro, muda o território do pasto:

Temos sítios. Indo pelo monte, para aquele monte, vamos todos pelo mesmo monte se queremos ir. Cada um vai para o monte para onde quer ir, mas assim para os lameiros privados,



figura 40



figuras 41 e 42





não. Este terreno trago arrendado. O rapaz agora arrenda, pago a renda e ele dá o pasto a quem ele quiser e depois tira o feno para ele. Agora, por exemplo, anda a rês aqui até ao mês de novembro, e nessa altura tiram-se as ovelhas daqui, para depois começar a crescer o feno e haver o feno. E tenho para aí um campo de um rapaz que outro dia já me disse para lá deixar andar as ovelhas quando eu quiser. E ele não tem ovelhas. (Ana Rabuda, I-8-2011)

São, frequentemente, terrenos que no passado tinham utilizações mais intensivas. Hoje, muitos deles, por falta de mão de obra, estão ao abandono ou são apenas utilizados para cultivar feno:

Aqui chamamos a lama porque em tempos era um *borrajo* grande às sortes, um terreno que dava batatas, dava centeio, dava nabos e eram uns terrenos muito bons, mas depois não havia quem trabalhasse, puseram para a lama do boi, porque havia os bois do povo, os bois da povoação. Vinham para aqui pastar os bois. Havia um pastor, pagavam a esse pastor e agora como já não há bois, arrendam, chamam-lhe a lama. É esta, é aquela acolá em cima onde a gente passou e é aquela ali, esta grande ali, do outro lado da estrada (figuras 44 e 45). (Ana Rabuda, I-8-2011)



Todos os dias, por volta das 10 horas da manhã sai o rebanho para o pasto. O local de ajuntamento é um dos cafés do centro da aldeia. De um momento para o outro, a aldeia adquire um movimento que mistura ovelhas, cabras, homens e mulheres, gritos e balidos (figuras 46, 47, 48, 49, 50 e 51).

D. Ana *Rabuda* nunca faz sozinha a vezeira. A filha acompanha-a sempre. No verão andam os animais a pastar até às 20 horas; no inverno, a jornada é mais curta. Pelas 17 horas, voltam os animais às cortes. Comem as gestas, as ervas



dos lameiros, as ramagens dos carvalhos e dos sabugueiros e sangrinhos:



Elas gostam de tudo e comem num instante. As cabras gostam mais dos altos, das paredes, andam sempre por cima das paredes, raios partam as cabras! (Ana Rabuda, 1-8-2011)



Por vezes, nos lameiros onde não é possível fazer entrar as segadeiras, a rês ajuda a limpar os terrenos. Outras vezes, nos lameiros já segados, os animais comem o que ficou no terreno.



As muitas horas que o vezeiro anda no terreno obrigam a uma dinâmica de estímulo aos



figuras 46, 47, 48, 49, 50 e 51

animais para que estes se alimentem de forma conveniente (figuras 52 e 53).

Não se deve deixar ovelhas e cabras a dormir muito tempo no mesmo local, especialmente se é um terreno húmido porque a rês pode adoecer (figuras 54 e 55):

Elas são turronas e não querem andar. Elas comem, mas se aquece o sol *amoutam*, deitam-se e não andam e temos de as ir botando. A gente vê-as deitar e põe-nas a pé. Comem, agora deitam-se para aí um bocadinho e depois continuam a comer. Depois de comerem já ficavam acolá. Se as não toco, ficavam ali até às 2 horas da tarde. (Ana Rabuda, 1-8-2011)





figuras 54 e 55



Ao longo dia, os animais vão ficando fartos de pasto:

Agora as ovelhas andam delgadinhas, mas à noite têm a barriga grande, vocês vão ver! E há quem repare que a rês não vem farta... (Ana Rabuda, I-8-20II)

Nos territórios da vezeira comem os animais e comem os pastores. Se vão para longe de casa, Ana opta por levar, logo pela manhã, comida para a filha e para ela. Uma merenda de comer com as mãos. Se ficam mais perto da aldeia, ao meio dia, a filha vai a casa buscar a bucha:

Uma biquinha de ovos, um bocadinho de presunto, uma chouricinha, uma lasquinha de bacalhau quando calha. (Ana Rabuda, I-8-20II)

Sentadas na sombra, na companhia das duas cadelas pastoras, tomam a refeição, mas mantêm a atenção no rebanho. Nos dias em que vão para o campo, a refeição melhorada é tomada à noite. Uma sopa é quase obrigatória para repor as forças.

Luna e Lassie mendigam pedaços de chouriça e presunto e pão que, pontualmente, lhes são atirados. À noite comerão massa com carne. A ajuda dada pelas duas cadelas pastoras na vezeira é considerada indispensável (figura 56). Na aldeia,

quase todos aqueles que andam com os animais a pastar, têm cães.

D. Ana *Rabuda* começou a treinar Luna e Lassie quando estas ainda eram cachorras:

Botei-as de pequeninas para o monte e comecei a ensinar, vira, vira, vira e aí andam elas. Quase tudo tem cão. Têm todos cão. Um cãozinho ajuda sempre e as ovelhas e as cabras parece que quando não sentem cão, já não têm medo de nada. Teimosas, Jesus! Não é preciso mandá-las. Elas adivinham. Não sei como é que elas adivinham... é o pau...o pau! O dia em que vêm para o monte, aí Jesus! A Luna enfia-se pelos buracos do portão de ferro e bota-se abaixo. Um dia andava aos cães e eu fechei-a e ela cortou a baraça pelos dentes e veio-me ter ao monte. Vai lá por elas, vai lá dentro, lá dentro, vai lá dentro bota fora, fora! Fora! Fora! Fora tudo! Vai lá dentro! Vai lá dentro, olha as outras! Lassie, Lassie vai lá dentro, Lassie! Lassie! Não! Lassie vai lá dentro! Vai lá dentro! Lassie! Olha a Luna, Lassie, bota fora Luna, Luna, fora! Fora Luna! Luna! Fora! Fora! Vira, vira! Vira! Deixa! (Ana *Rabuda*, 1-8-2011)

A par da rês e dos cães pastores, o bestiário da vezeira também inclui os lobos. As histórias dos ataques de lobos estão ancoradas a





um passado mais ou menos longínquo. Eram tempos em que as alcateias vinham pela rês mesmo até à aldeia. Às crianças, enviadas para a serra para guardar os rebanhos, pesava ainda mais a responsabilidade de terem de manter os animais a salvo desses ataques. O *lobo rouba a voz à gente*, dizem nessa memória feita de medo, em que a visão do lobo silenciava os gritos dos humanos:

Dantes havia mais pastores porque havia muitos lobos e grandes e eu chegava a ver aos cinco. Os lobos eram grandes, não eram como agora. Uma vez eu vi um lobo a puxar por um carneiro. E o lobo levou o carneiro, mas eu mandei uma pedra e acertei no cu do lobo e ele deixou o carneiro, foi a sorte dele. O carneiro vinha mordido no pescoço, que é por onde os agarram, e eu disse à dona. E ela tratou-me tão mal, tão mal, tão mal, *ó cara de cangalho*, chamou-me tantos nomes. Se eu soubesse não dizia nada, que se enchesse da mosca de verão, depois a mosca cagava nas feridas e enchia de bichos. Eu passava-as boas. (Fátima, 13-7-2011)

Os perigos da vezeira não se reduzem aos ataques dos lobos. As intempéries constituem outro dos riscos de quem anda nos montes com os animais. Não é apenas a neve e a chuva que

dificulta a tarefa de guardar ovelhas e cabras. Os relâmpagos são as ocorrências mais temidas e aquelas que, em tempos distantes, se recordam com um susto nunca esquecido:

Eu e mais três andávamos ali numa leira grande com os cordeiros e uma diz: *Ai embrulha-te aqui na minha capa* e veio o trovão, veio o trovão muito forte. E eu não trazia capa e embrulhei-me com a que calhou e ela: *Ai vamos embora, o meu pai que me venha buscar os anhos, ai, vamos embora, ai vamos embora!* Fugimos, chegámos à coroa de um terreno grande pertinho de casa, para onde eu ia com os cordeiros em pequena, veio uma luz para aquele lado, apanhou-nos a faísca! A ela entrou aqui na capa, queimou aqui, queimou um bocadinho no peito e na perna. Ela ficou sem sentidos e eu da cinta para baixo fiquei presa...foi a electricidade. E depois eu fui de gatas para casa, às quatro patas e ela ficou que eu não a podia levar. Ai o que chovia! Umas senhoras que vinham do feno viram-na, pegaram nela ao colo e levaram-na para casa, chamaram o médico, graças a Deus vive aí, mas eu desde aí...sempre que ouvia trovar já nem sabia onde me meter! (Ana Rabuda, 1-8-2011)

A capa de burel era, no passado, o abrigo usual e obrigatório quando se ia à vezeira. É, junta-

mente com o avental de costas, também de burel, a peça preferida por D. Ana *Rabuda* para usar no tempo mais frio, embora o vestuário de plástico se tenha tornado indispensável para enfrentar a chuva:

Quando chove muito a gente tem de levar calças plásticas, capa plástica, guarda-chuva, mas eu antes quero uma capa de burel. Tenho duas das antigas e avental só tenho este, mas é um avental grande que é para a gente se assentar. Quando está muita chuva ou neve a gente tem de levar calça plástica, galochas todo o dia e tapar-se, agasalhar-se. Levar um bom casaco por dentro. Mais ainda quando neva...mas quando chove, que vêm aquelas zarziladas de água, ai senhor do céu. Mas tem que ser! (Ana *Rabuda*, I-8-2011)

A vezeira de Gralhas inclui, hoje, um número cada vez menor de animais e de vezeiros. A família de D. Ana *Rabuda* chegou a ter mais de 70 ovelhas. Agora, são uma vintena de animais. A filha acompanha-a sempre que lhe calha a vez. Os netos já não. Quando Ana deixar de ir à vezeira, daqui a três ou quatro anos, acabar-se-á o rebanho à sua porta. A pessoa mais velha que faz a vezeira tem para mais de 80 anos. O mais novo, quase 50.

